



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

Henrique de Lima Galvão

**A ERA DA INFORMAÇÃO NARRADA PELO JORNAL CORREIO
BRAZILIENSE DE 1990 – 1999.**

Brasília
2016

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A ERA DA INFORMAÇÃO NARRADA PELO JORNAL CORREIO
BRAZILIENSE DE 1990 – 1999.

Autor: Henrique de Lima Galvão

Orientador: Prof. Dr. Mateus Gamba Torres

Monografia apresentada como requisito
parcial à obtenção do grau de bacharel no
Departamento de História do Instituto de
Ciências Humanas da Universidade de
Brasília.

Brasília, 16 de novembro de 2016

FOLHA DE APROVAÇÃO

HENRIQUE DE LIMA GALVÃO

A era da informação narrada pelo jornal Correio Braziliense de 1990 – 1999.

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel no Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mateus Gamba Torres
(Orientador – Presidente)

Profª. Drª. Eloísa Pereira Barroso
(Membro)

Prof. Diogo Mateus Zini Hartmann
(Membro)

AGRADECIMENTOS

Ao meu professor e orientador Mateus Gamba Torres pela paciência, tranquilidade e enorme ajuda na construção deste trabalho.

À minha mãe, Lavínia, minha rainha, que sempre, com muito amor, me apoiou e me deu forças nas horas mais difíceis. Sem você não seria possível a conclusão desta monografia.

Ao meu pai, Paulo que, incondicionalmente, ajudou a tornar possível todos os meus projetos de vida.

Aos meus irmãos, Marcelo e Leandro que com seus incentivos tornaram esta caminhada mais agradável.

Ao meu amigo Yuri, que dentre nossas muitas conversas, suscitou o tema a ser pesquisado neste trabalho.

A todos que contribuíram direta e indiretamente para a realização desta monografia, o meu muito obrigado!

RESUMO

Advinda do desenvolvimento tecnológico dos computadores, aliado ao fenômeno sociopolítico e econômico conhecido como globalização, a era da informação, instaurou-se como um novo paradigma na recente reestruturação do modelo de desenvolvimento capitalista a partir de meados do século XX. Novos meios de comunicação surgiram, dentre eles a Internet, que mudaria os rumos e parte da dinâmica sociopolítica e cultural da maioria dos países industrializados a partir de sua abertura ao público no início da década 1990. Este trabalho tem como objetivo analisar, durante a década de 90, dentro de uma perspectiva histórica e sociológica, o discurso do jornal Correio Braziliense em relação ao surgimento da internet e algumas de suas consequências no âmbito sociocultural. Apoiado em um amplo aporte teórico, esta monografia relata primordialmente o percurso histórico que nos levou a este novo modo de produção conhecido como informacionalismo bem como alguns de seus desdobramentos no âmbito da comunicação e da cultura.

PALAVRAS-CHAVES: Era da informação. Informacionalismo. Internet. Correio Braziliense. Imprensa. Tecnologia. Virtualidade. Ciberespaço. Cibercultura.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. ALVORECER DIGITAL.....	10
3. DILUVIO INFORMACIONAL – MUDANÇAS SOCIOCULTURAIS.....	18
3.1 VIRTUALIDADE DO REAL OU VIRTUALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	18
3.2 COMUNICAÇÃO E MÍDIAS DE MASSA.....	20
3.3 EDUCAÇÃO: COMUNIDADES VITUAIS E A INTELIGÊNCIA COLETIVA.....	25
3.4 TECNOLOGIA E GLOBALIZAÇÃO.....	27
4. CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

O fim da segunda Guerra Mundial em 1945 trouxe enormes mudanças na configuração geopolítica de grande parte do Mundo. De forma geral os países dividiam-se em dois blocos entre aqueles que seguiriam o liberalismo econômico liderado pelos Estados Unidos e aqueles que estavam sob a influência do estatismo perpetrado pela União Soviética. O período conhecido como Guerra Fria não apenas trouxe grande tensão política como também foi definidor na instauração de um novo paradigma sócio político e cultural conhecido como a *era da informação*. Advinda do desenvolvimento tecnológico dos computadores e posteriormente do desenvolvimento de sua rede mundial de comunicação, a *internet*, possibilitou a partir deste momento uma ampla mudança sociocultural com este novo modo de desenvolvimento, o informacionalismo.

Neste contexto polarizado foi em que a era da informação entrou em nossas vidas, a partir do desenvolvimento tecnológico da microeletrônica, que teve na criação do computador pessoal na década de 70 e posteriormente no desenvolvimento da rede mundial de computadores em meados da década de 80 seu ponto fundamental. Muitas das relações culturais, econômicas e políticas de todo o planeta iriam mudar deste ponto em diante, afetando assim diversas comunidades do mundo de forma direta ou indireta. A *cibercultura*, expressão adotada por um dos principais teóricos neste assunto, Pierre Lévy, definida como o “conjunto de técnicas, materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o desenvolvimento do Ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17). é o principal objeto de estudo deste trabalho. Ciberespaço é o termo que Lévy (1999) utiliza para definir esta nova forma de comunicação advinda do desenvolvimento da rede mundial de computadores.

Este período pós-guerra de disputa política entre os Estados Unidos e a União Soviética teve papel definidor na construção e estabelecimento do Ciberespaço por diversos motivos, sendo dois deles principais. O primeiro foi o rápido desenvolvimento da eletrônica patrocinado pela corrida armamentista entre as duas potências e o segundo foi o processo de reestruturação do modelo capitalista por parte dos EUA durante este período, causando o fenômeno sociopolítico e econômico conhecido por globalização. Uma das primeiras instituições liberais, não militar, a utilizar computadores e a informática em tal reestruturação foi o mercado

financeiro a partir da década de 50. Desde então, tráfego de informação através do uso do computador e da microeletrônica tomou proporções sem precedentes e culminaria no que podemos chamar de *era da informação* (CASTELLS, 1999, p. 54).

A capacidade de interligar diversos computadores em uma rede de comunicação surgiu a partir de um consórcio entre o exército dos Estados Unidos e algumas das principais instituições de ensino superior americanas, dentre elas o Instituto de Tecnologia de Massachussets (MIT). O objetivo principal era obter a capacidade de preservar a rede de telecomunicações do país, e seus dados, caso ocorresse um ataque nuclear por parte dos soviéticos. Porém, o sucesso repentino primeiramente entre os pesquisadores sobre a capacidade de se comunicar em uma rede de computadores foi instantâneo e, como veremos mais adiante, houve em meados da década de 90 a sua privatização e comercialização ao público desta nova ferramenta de comunicação que hoje conhecemos como a internet.

Nesse trabalho pretende-se demonstrar através da análise de publicações de jornal impresso e de suas impressões algumas das principais mudanças que a chamada era da informação, mais especificamente a *internet*, trouxe à nossa sociedade, inserida então em um mercado globalizado, em que “fronteiras virtuais” iriam ultrapassar os limites das “fronteiras reais”. Este novo cenário, até então inédito na história, é o que motivou a busca pela compreensão de suas influências, sendo esta a principal razão para a realização desta monografia.

As fontes escolhidas para serem utilizadas na análise desse trabalho são fontes de imprensa (artigos e reportagens) veiculadas pelo jornal “Correio Braziliense” entre os anos de 1990 a 1999. Através destas fontes pretende-se apontar algumas das principais mudanças e novas características desta recém-formada e então nomeada “Sociedade Informacional”, estimulada pela nova ordem mundial em que a recente revolução tecnológica promovida pelo advento do computador e posteriormente suas conexões em rede trouxeram ao Mundo. Revolução esta que teve na criação da internet um de seus pontos fundamentais ocasionando consideráveis mudanças nos mais diversos aspectos da vida cotidiana (CASTELLS, 1999, p. 87)

Através da análise das fontes primeiramente percorreremos o contexto histórico que nos levou a entrar na chamada “era da informação” e numa segunda parte especificaremos alguns aspectos deste novo *modus vivendi* que trouxe

diversas alterações para os processos políticos, econômicos e culturais de grande parte da sociedade mundial, agora, em sua maioria, inseridos neste contexto “digital” e que fora apresentado às sociedades globalizadas e, no caso específico deste trabalho, à sociedade brasileira, uma vez que as fontes analisadas são de um veículo de informação regional específico.

A metodologia de pesquisa e escrita empregada na produção desta monografia consistiu na leitura e análise qualitativa de reportagens, artigos e escritos publicados pelo jornal “Correio Braziliense” entre os anos de 1990 a 1999, juntamente com a leitura, compreensão e interpretação de um amplo aporte teórico de alguns dos principais autores especialistas no tema. O sociólogo espanhol Manuel Castells (1999) em seu livro, dividido em três volumes, *A era da informação: Economia sociedade e cultura* faz uma análise histórica e sociológica pertinente a este tema e foi a principal obra utilizada como base teórica para esta pesquisa. O também sociólogo e filósofo Pierre Lévy (1999) com seu livro, *Cibercultura* foi, assim como Castells (1999), de extrema importância para melhor compreensão acerca desse tema contemporâneo. Outros livros de autores como *O que será: como o novo mundo da informação transformará nossas vidas* de Michael Dertouzos (1997), pesquisador chefe do Instituto de Tecnologia de Massachussets (umas das principais instituições criadoras da rede mundial de computadores) durante o período de desenvolvimento da internet e também o célebre *A Economia da informação* de Carl Shapiro e Hal R. Varian (1999) também trouxeram importantes contribuições para este trabalho. Outros textos e artigos sobre como aplicar uma pesquisa histórica em fontes de imprensa também compõem parte indispensável na composição desta monografia. Os textos de Tânia Regina de Luca (2005), *História dos, nos e por meio dos periódicos* e de Jean-Pierre Rioux (1999), *Entre jornalismo e a história* balizaram o referencial teórico desse trabalho.

Inicialmente o recorte temporal da pesquisa das fontes fora estabelecido entre os anos de 1990 a 1995, porém mostrou-se insatisfatório para uma melhor compreensão acerca do assunto uma vez que a rede mundial de computadores, a internet, se tornou pública no Brasil apenas a partir do ano de 1995, aumentado consideravelmente a partir deste momento o número de publicações pela imprensa relativas ao tema. Para cada ano foram escolhidos três meses onde a maior parte do

material publicado relativo ao tema foi separada e analisada. Sendo assim, 30 meses de publicações distribuídos em 10 anos foram analisados.

É importante ressaltar que durante a construção da idéia acerca sobre qual seria o tema para a realização deste trabalho de conclusão de curso havia primeiramente a certeza e vontade apenas de se trabalhar sobre o tema principal da qual esta monografia seria escrita, a denominada era da informação. Posteriormente decidiu-se decorrer mais especificamente sobre um dos pontos chaves deste período, o lançamento em termos globais da rede mundial de computadores, a internet, que teve papel decisivo com sua implementação e funcionamento na esfera pública na corroboração das teorias aqui apresentadas. Até este ponto, não se havia escolhido primeiramente as fontes a serem trabalhadas acerca do tema, o que, normalmente, em um trabalho histórico é norma. Primeiro se tem as fontes e depois se decide o tema a ser trabalhado a partir de uma análise inicial daquelas. Não foi o caso deste trabalho em que primeiramente o tema a ser abordado foi escolhido e por questões processuais apenas posteriormente foram escolhidas as fontes.

A escolha pela análise de fontes de imprensa teve dois motivos principais. Inicialmente pretendia-se a utilização de fontes disponíveis *on-line* (fontes digitalizadas disponíveis na própria internet), ou seja, fontes retiradas diretamente do objeto de estudo deste trabalho, o que se configuraria e se tornaria até certo ponto bastante interessante. Porém, devido a enorme profusão e quantidade de fontes sem referência em relação ao próprio tema da internet no mundo digital, optou-se pela utilização de fontes que relatassem a inserção da nossa sociedade no mundo digital através de um veículo de informação tradicional com grande influência na construção e distribuição da informação até o período em estudo, a imprensa. Até o período abordado neste trabalho, os jornais eram publicados, em sua maioria apenas em sua forma física e por sua vez, pelas razões que serão posteriormente explicitadas, foi a própria imprensa um dos veículos de informação (juntamente com a indústria fonográfica e televisiva), que mais sentiram a influência das mudanças em relação a nossa entrada na era digital, sendo assim os periódicos uma das principais instituições de nossa sociedade a relatar a primeiras e primordiais mudanças pertinentes a este período, como também uma das primeiras instituições de comunicação a perceberem neste contexto que esta nova plataforma de

comunicação mostraria-se muito mais versátil em comparação ao jornal tradicional e que traria mudanças definitivas não apenas em relação aos veículos de comunicação como também às muitas outras esferas de nossa sociedade. Não se pretende com esta monografia analisar todo o paradigma da era informacional e as inúmeras consequências da inserção do mundo digital à nossa sociedade (ou vice-versa), uma vez que uma análise de todas as características e seus aspectos extrapolaria o foco deste trabalho sendo que este novo contexto se perpetua pelas mais diversas instâncias de nossa cultura, porém pretende-se sim analisar alguns aspectos que se pôde perceber através das leituras teóricas feitas aliadas à análise das fontes.

O Correio Braziliense é o jornal de maior circulação na região centro-oeste do Brasil. Inaugurado juntamente com nascimento da capital federal em abril de 1960 compõe parte do grupo de comunicação Diário Associados fundado originalmente por Assis Châteaubriant, um dos maiores magnatas da comunicação da história do Brasil. Atualmente sua tiragem é de 57.290 exemplares mensais com participação de 48% do mercado local. Sua página na internet foi lançada em abril de 2008 e atinge atualmente a marca de mais de nove milhões de acessos mensais. O caderno de informática publicado semanalmente existe desde o começo da década de 90 e expõe a maior parte dos assuntos relacionados à tecnologia da informação e comunicação. Estima-se que 173 mil leitores acompanhem esta seção do jornal sendo eles 62% homens e 70% pertencentes às classes A e B. A maioria das publicações utilizadas nesta pesquisa foram retiradas do caderno de informática (Diário Associados, 2016).

1. ALVORECER DIGITAL

Em 19 de setembro de 1994, em seu discurso de posse para o cargo da presidência da Associação Nacional dos Jornais em Brasília, Paulo Cabral de Araújo, expõe algumas das mudanças pelas quais o jornal impresso, principal detentor da veiculação de informação pública até então, estava passando devido à entrada da humanidade na chamada era digital. Sua preocupação não era apenas com a possível reinvenção forçada pela qual o jornal teria que passar como também pelo temor de que este perderia espaço para os novos meios de comunicação, tanto

na posse da veiculação da informação como também em perdas com anúncios publicitários. O que Paulo chamou de “novos sistemas eletrônicos de informação” estavam surgindo à época, dentre eles, principalmente, a internet. O que ele chama de “a segunda morte anunciada do jornal” faz referência aos impactos sofridos pelo jornal tradicional primeiramente à época da invenção do rádio e da televisão, onde notoriamente os jornais perderam pela primeira vez parte do monopólio sobre a veiculação de informação, causando assim o fechamento de várias edições existentes naquele período que não souberam se adaptar a uma nova realidade em fins do século XIX até a primeira metade do Século XX (ARAÚJO, 1994).

Esta “segunda morte anunciada” viria então com a invenção de outras formas de comunicação do que não aquelas tradicionais conhecidas até o momento, mais especificamente a rede mundial de computadores. Começava então uma nova era que ditaria o mundo da comunicação a partir de então. A comunicação mediada por computadores entrava definitivamente em nossas vidas, dando início ao que podemos chamar de a “era digital” ou a “era da informação”.

O primeiro passo para o desenvolvimento desta recente revolução tecnológica se deu com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial em 1945. Após o término deste longo e terrível confronto entre os chamados países aliados e as forças do eixo, o mundo se dividiu em duas zonas principais dentre aqueles sob a influência dos Estados Unidos e aqueles que seguiriam a União Soviética, liderada pela Rússia.

Após um conflito bélico tão longo, além de todas as perdas materiais e principalmente humanas, muitos avanços tecnológicos que inicialmente foram desenvolvidos para auxílio das tropas em combate, após comprovado sua eficiência, acabam sendo posteriormente introduzidos à população civil. Foi assim com o desenvolvimento da computação, como também da internet que, em meados dos anos 70 já nos tempos de Guerra Fria, através de um projeto ligado ao departamento de defesa dos Estados Unidos desenvolveu-se um sistema de transmissão de dados de modo difuso em que fosse possível a continuação, preservação e manutenção destes dados, não perdendo a capacidade de transmissão destes, caso ocorresse um possível ataque nuclear soviético ao País. (DERTOUZOS, 1997, p. 62)

A segunda guerra mundial pode ser considerada um marco para esta evolução tecnológica, pois foi nos meandros deste terrível conflito em que o primeiro *transistor* (semicondutor), principal componente do “chip eletrônico”, foi desenvolvido. Inventado pela empresa *Bell Laboratories* em 1947 no Estado de Nova Jersey nos Estados Unidos, era possível pela primeira vez o “processamento de impulsos elétricos em velocidade rápida e em modo binário de interrupção e amplificação, permitindo a codificação da lógica e da comunicação entre máquinas.”. Esta criação rendeu a seus inventores, Bardeen, Brattain e Shockley um prêmio Nobel de física pela descoberta (CASTELLS, 1999, p. 76). É importante lembrar que antes da invenção do transistor a maioria dos equipamentos eletrônicos era composto por uma válvula eletrônica de três polos, mais popularmente conhecida como válvula a vácuo, que possibilitou o nascimento das telecomunicações contemporâneas ao final do século XIX como o rádio, a telefonia sem fio e a televisão (SIQUEIRA, 2008, p. 97).

Posteriormente, em 1957, foi criado por Jack Kilby o circuito integrado, fazendo cair em 85% em apenas três anos o preço dos semicondutores, parte essencial na composição de chip eletrônicos, e aumentando em vinte vezes nos dez anos seguintes a produção destes transistores, sendo que metade de toda a produção era destinada para uso militar (CASTELLS, 1999, p.77). Outro enorme avanço para a indústria da eletrônica foi a criação do microprocessador em 1971, pelo engenheiro americano da empresa *Intel*, Ted Hoff. O microprocessador pode ser considerado um computador dentro de um chip (composto por milhares de transistores) e possibilitou que o tamanho de equipamentos eletrônicos e computadores fossem gradualmente reduzidos. O uso do metal Silício foi indispensável para a ampliação e desenvolvimento de todos estes então recém-criados componentes eletrônicos, desta maneira, o local onde se concentra grande parte das empresas desenvolvedoras deste tipo de tecnologia é chamado de Vale do Silício, localizado ao norte do Estado da Califórnia nos Estados Unidos.

É interessante ressaltar a rapidez com que os chips eletrônicos juntamente com os circuitos integrados aumentaram a capacidade de transmissão de dados ao mesmo tempo em que diminuíram de tamanho. Se a evolução da indústria eletrônica fosse comparada à da indústria automobilística em nível de curiosidade, no quesito tamanho *versus* velocidade *versus* preço, um automóvel nos dias de hoje teria um

motor do tamanho de uma caixa de fósforos com a potência de 50 mil cavalos sendo capaz de viajar a uma velocidade média de 500 km/h, podendo percorrer 100 mil quilômetros com apenas um litro de gasolina a um custo de apenas três dólares por veículo (SIQUEIRA, 2008, p. 100).

A maioria das matérias publicadas pelo CB durante o período analisado estão relacionadas às constantes inovações tecnológicas que o mercado da informação vinha apresentando na área de tecnologia informática. Sua rápida evolução foi constantemente acompanhada pelo jornal na medida em que novos produtos com mais capacidade de transmissão e armazenamento eram lançados no mercado.

Em uma de suas muitas publicações sobre o recente desenvolvimento dos equipamentos de informática, no dia 2 de dezembro de 1997, o jornal Correio Braziliense (BRSCAN, 1997, p. 5) exemplifica uma dessas mudanças na capacidade de transmissão e armazenamento de dados. Os famosos disquetes (dispositivos de armazenagem de dados) que antes suportavam 1,2 *megabytes* de informação seriam rapidamente substituídos por novos “superdiscos” que eram produzidos no mesmo tamanho que os anteriores, porém com uma capacidade de armazenamento 100 vezes maior. O termo “informação” neste meio pode ser definido como qualquer coisa que possa ser digitalizada, ou seja, codificada como um fluxo de bits linguagem criada para o funcionamento da maioria dos equipamentos eletrônicos atuais (SHAPIRO, 1999, p. 15).

Não apenas estes novos disquetes eram apresentados ao público como também novas tecnologias de armazenamento como os *CD-rooms* (disco compacto) e os *zip-drives* eram novidades que prometiam mudar o mercado de informática. As melhorias eram apresentadas não apenas na capacidade dos dispositivos de armazenamento como também na velocidade de transmissão da conexão de internet. Em matéria, de 02 de dezembro de 1997, o jornal anuncia uma nova forma de conexão à internet. A transmissão não seria através do conhecido modem telefônico (aparelho que permite a comunicação de computadores via telefone) e sim por micro-ondas. A nova conexão prometia ser 100 vezes superior à conexão através dos modems tradicionais utilizados até então (BRSCAN, 1997, p. 5).

O desenvolvimento da computação transformou-se de forma contínua desde seu início no final da década de 40. O primeiro computador a ser colocado em uso no mundo foi uma enorme calculadora e integradora desenvolvida pelos

pesquisadores Mauchly e Eckert da Universidade da Pensilvânia, em 1946. Este enorme maquinário pesava cerca de 30 toneladas, ocupando a área de um ginásio esportivo. Era composto por aproximadamente 70 mil resistores e 18 mil válvulas a vácuo. Não demorou muito e outras instituições começaram a disputar qual seria capaz de desenvolver a capacidade de armazenamento dos computadores em relação ao seu tamanho. No ano de 1953, a IBM (*International Business Machines*), empresa pioneira no desenvolvimento e fabricação de computadores, patrocinada por contratos militares e apoiada pelo MIT conseguiu produzir uma máquina contendo apenas 701 válvulas. Já em 1971, com o advento do microprocessador, ocorreu uma “revolução dentro de uma revolução” e o tamanho dos computadores foi diminuindo gradativamente desde a invenção do microcomputador, em 1975, por Ed Roberts, fato este que inspirou os jovens Steve Wozniak e Steve Jobs a desenvolverem em sua garagem no Vale do Silício na Califórnia uma versão comercial de um microcomputador nomeado de *Apple* (Maçã em inglês) que alcançou enorme sucesso comercial. Criada, em 1976, por três sócios e um capital de 91 mil dólares a *Apple Computers* já no ano de 1983 tinha um faturamento de 583 milhões de dólares (CASTELLS, 1999. p. 78). Após lançarem o conceito de PC (computador pessoal) Jobs e Wozniak introduziram o mundo definitivamente na era da informação. A era da informação pode ser definida como todo este período em que a criação e a utilização de equipamentos eletrônicos se tornaram parte da vida cotidiana de uma enorme quantidade de pessoas. Considerada por muitos como a última grande revolução técnico-científica de nosso tempo, sendo a última de grande relevância desde a invenção da energia elétrica na chamada segunda revolução industrial ao final do século XIX. O computador é o maior símbolo deste período (CASTELLS, 1999, p.70).

O desenvolvimento da Internet foi outro ponto fundamental na evolução das tecnologias da informação. Desenvolvida pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de defesa norte americano. A ARPANET, como ficou conhecida a primeira versão de um sistema de comunicação integrado em rede, tinha como objetivo resguardar os diversos bancos de dados de inúmeras instituições governamentais e de pesquisa norte americanas na ocasião de um ataque nuclear caso este viesse a ocorrer devido às tensões da Guerra Fria. A ARPANET, como ficou conhecida a primeira rede desenvolvida entre os anos de

1960 e 1964, objetivava a independência das comunicações e da informação de centros de comando e controle para que a mensagem procurasse seu próprio caminho na rede e pudesse ser remontada posteriormente sem nenhuma ou pouquíssima perda de dados (CASTELLS, 1999, p. 82). Lançada no ano de 1969, a ARPANET, primogênita da Internet, ligava primeiramente quatro instituições de ensino superior dos Estados Unidos (Universidade da Califórnia Los Angeles, Instituto de Pesquisa de Stanford, Universidade da Califórnia Santa Bárbara e a Universidade de Utah).

Um dos fatos que mais chamou a atenção foi que, rapidamente, além de resguardar e transmitir informações entre bancos de dados destas instituições os cientistas passaram a usar a rede para mensagens pessoais. Nascia então a primeira forma de comunicação pessoal mediada por computadores. Visto a amplitude de seu funcionamento logo outras redes começaram a ser criadas com diferentes objetivos. De troca de informações militares, científicas, até pessoais. Todas estas novas redes utilizavam a ARPANET como espinhal dorsal para seu funcionamento conhecida como ARPANET-INTERNET, passando a se chamar posteriormente apenas de INTERNET. A internet manteve-se sobre o jugo do sistema de defesa norte americano e da Fundação Nacional de Ciência Americana até os anos 90, onde depois de popularizado seu sistema, decidiu-se pela sua privatização e abertura ao público tendo em vista o enorme sucesso entre seus desenvolvedores e o grande número de instituições e empresas que se utilizavam de tais serviços (CASTELLS, 1999, p. 88).

Após sua privatização a internet não contava com nenhuma autoridade supervisora de seu funcionamento, o que definiu desde cedo sua característica independente e revolucionária. Esta característica muito se atribui à cooperatividade entre muitos dos seus diversos desenvolvedores. É importante ressaltar que a internet e vários de seus componentes necessários ao seu funcionamento foram desenvolvidos não apenas por um grupo de pesquisadores mas sim em um sistema de colaboração entres diversas instituições de ensino, governo e empresas de tecnologia, o que gerou desde sua concepção um sentimento de que este sistema não poderia ser controlado por apenas algum grupo ou instituição e sim deveria ser um sistema aberto, uma vez que para seu desenvolvimento foi necessário a

cooperação e colaboração entre estes diversos setores da sociedade (LÉVY, 1999, p. 126).

A capacidade e o volume de comunicações e mensagens eram enormes, porém havia o problema que diferentes computadores de diferentes empresas não conseguiam comunicar-se entre si. Desde o final da década de 70 vinha sendo desenvolvida uma interface em que tornassem possível esta ligação. Esta interface dividia-se em duas partes, a primeira de servidor a servidor (TCP) e a segunda um protocolo entre redes (IP). O sistema conhecido como TCP/IP foi então adotado para unir as diferentes redes existentes para que se singularizasse a forma de comunicação entre diferentes marcas de computadores. Este sistema, com seu desenvolvimento financiado por verbas públicas demandava apenas que o computador estivesse com um modem (equipamento de baixo custo) ligado a uma linha telefônica, o que barateava muito o custo para que uma máquina se ligasse ao sistema da internet. Rapidamente, além da capacidade de transmissão de dados, popularizou-se entre os usuários um sistema de mensagens eletrônicas conhecido hoje como *e-mail* (correspondência eletrônica) (LÉVY, 1999, p. 94).

Em publicação, de 11 de agosto de 1998, o Correio Braziliense demonstra em uma reportagem do seu caderno de informática o rápido avanço na popularidade que atingia o serviço de *e-mail* até então. Anteriormente apenas ligado ao sistema operacional específico do computador, a reportagem anuncia o sucesso do *webmail*, que eram novos paginas/sites online especializados neste tipo de serviço. Além de se demonstrarem mais práticos de usar segundo a matéria, o *webmail* fornecia a inédita possibilidade de um usuário conectar-se de qualquer máquina em qualquer lugar bastando estar ligado a uma conexão de internet. Segundo o jornal um dos serviços mais populares de *e-mail* na época já ultrapassava a marca de nove milhões de usuários no final de 1998 (CB, 1998, p. 5).

A partir de então o uso da internet popularizou-se e tomou rumos antes impensáveis. A internet e suas inúmeras funções encontram-se hoje espalhadas intrinsecamente pela maioria das esferas da vida urbana globalizada. Desde nosso trabalho às atividades de lazer, a internet é sem sombra de dúvidas umas das invenções mais importantes do século XX e vem desde então modificando a maneira como nos relacionamos com o Mundo e com nós mesmos (CASTELLS, 1999).

Em outra publicação do Correio Braziliense, em seis de janeiro de 1998, pode-se perceber a amplitude de penetração que a Internet alcançou ao público nas mais diversas esferas da vida humana. Neste caso a matéria do jornal explicita o uso da internet para o acesso a conteúdos eróticos e relata que as pessoas não estavam utilizando a internet apenas como uma ferramenta para negócios e mensagens pessoais, mas como também para lazer e outros afins. A reportagem informa que em pesquisa realizada pelo IBOPE, a época, relatava que 57% dos internautas (como são chamados os usuários de internet) brasileiros utilizavam a internet para a busca e utilização de conteúdo erótico, estando em terceiro lugar em acesso no site de busca mais popular no Brasil naquele momento (BRSCAN, 1998, p. 1).

Voltando ao discurso de posse de Paulo Cabral de Araújo para a Presidência da Associação Nacional de Jornais, em 1994, em relação aos novos desafios que os diversos editoriais de jornal do Brasil e do Mundo teriam de enfrentar com o surgimento das novas tecnologias da informação aqui apresentadas, Paulo afirma que os jornais tradicionais não deviam temer o que estava por vir e sim implantar uma “estratégia de complementaridade” entre o jornal impresso como centro de produção informativa e os novos sistemas eletrônicos de informação. Ele sugere uma reinvenção da empresa jornalística como concepção de uma empresa de informação, e pergunta: “E que sistema eletrônico poderia humanizar a informação e a opinião tornando-as fator de congregação de pessoas e tendências nas situações conjunturais de turbulência, correndo de mão em mão a servir de amálgama?” (ARAÚJO, 1994).

Posteriormente salienta,

“o poder da informação está se transferindo do emissor da comunicação (redes de rádio, jornais, televisões, etc.) para o receptor, o cidadão, pela variedade de opções que ele pode escolher e que limitaria ou eliminaria, em pouco tempo, tentativas de empresas de comunicação de manobrar a sociedade” (ARAÚJO, 1994).

Esta suposta mudança da audiência de massa explicitada pelo Presidente da Associação de Jornais, em 1994, também elucidada por Castells (1999) estava então mostrando suas evidências, pois a nova integração de texto, som e imagem em uma mesma via de comunicação, possibilitado pelo avanço da computação e

pelo desenvolvimento da internet mudaram de forma expressiva o caráter da comunicação, fator este fundamental na formação da cultura humana. O surgimento de uma “platéia ativa” até então praticamente inexistente para os meios de comunicação tradicionais mudaria não apenas as formas como estes veículos interagem com seu público, como também transformaria os mais diversos aspectos da nossa cultura (CASTELLS, 1999, p. 420).

No próximo capítulo analisam-se algumas das principais mudanças culturais que o uso amplo e contínuo da rede mundial de computadores trouxe à nossa sociedade e suas possíveis consequências.

2. DILUVIO INFORMACIONAL - MUDANÇAS SOCIOCULTURAIS

A entrada da humanidade na era da informação trouxe inúmeras mudanças na forma como convivemos, trabalhamos e nos comportamos. Neste capítulo pretende-se, através da análise das fontes de jornal impresso juntamente com a observância do aporte teórico, descrever alguns dos relatos publicados pela imprensa destas principais mudanças culturais ocorridas ao alvorecer da nossa entrada na era da informação. Muitos eram as publicações de tais mudanças que estavam ocorrendo durante a década de 90 e algumas dessas novas características já estavam sendo relatadas pelos veículos de imprensa. Para se entender melhor estas novas relações é preciso explicitar alguns conceitos base através de alguns aspectos da cultura humana.

2.1 VIRTUALIDADE DO REAL OU VIRTUALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A virtualização da sociedade é um aspecto fundamental que se desenvolveu com o nascimento das tecnologias digitais e com a consolidação do ciberespaço. Nasce assim a cultura da virtualidade do real, onde o “faz de conta se torna realidade”. Castells (1999) define a virtualidade do real como

Um sistema em que a própria realidade é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de símbolos virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da

experiência, mas se transformam na própria experiência (CASTELLS, 1999, p. 459)

Neste contexto de inserção multimídia oferecida pela interatividade online, a experiência do uso e da captação de informações virtuais se redefiniu completamente, valendo o conteúdo de informações digitalizadas passarem a valer tanto quanto aos daquele da vida real. Neste novo sistema ampliou-se a capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais anteriormente quase impossíveis de serem acessadas. A virtualidade real trazida pela era da informação transformaria radicalmente o espaço e o tempo na nossa sociedade, substituindo o espaço de lugares (mundo real) pelo espaço de fluxos (mundo virtual) (CASTELLS, 1990).

Digitalizar significa traduzir alguma informação em uma codificação computacional através de sequências binárias. Basicamente qualquer imagem, som ou documento pode ser digitalizado e inserido dentro de uma memória de computador, e posteriormente transmitido sem nenhuma perda de conteúdo (LÉVY, 1999, p. 45). A digitalização permite uma agilidade imensa no tratamento das informações, pois por estarem codificadas em números podem ser trabalhadas na velocidade e capacidade de cálculo de um computador. Pode-se separar qualquer elemento de um todo com extrema facilidade, além de se trabalhar com uma quantidade de informações (escrita, sons, imagens e modelos) que até o período anterior considerava-se impossível. Para Lévy o computador não é apenas uma ferramenta para a produção de textos sons e imagens, mas sim antes de mais nada um “operador de virtualização de informação” (LÉVY, 1999, p. 50). Estas novas possibilidades de acesso e modificação da informação permitida pelo advento dos computadores e pelo seu desenvolvimento em rede criaram um poderoso instrumento de escrita-leitura coletivas, pois a capacidade de edição, compartilhamento e principalmente a rapidez com que isto é feito trouxeram novas dinâmicas aos mais diversos ambientes que compõe a cultura humana (LÉVY, 1999, p. 50). No caso da imprensa isto foi crucial, pois como uma mídia tradicional essencialmente transmissora de informação estaria preparada para que o uso tanto na criação quanto da transmissão dessa informação estivesse aberta a todos que tivessem acesso a um computador.

2.2 COMUNICAÇÃO E MÍDIAS DE MASSA

Para compreender melhor os novos aspectos da era digital é necessário voltar às mudanças anteriores sofridas no âmbito da comunicação humana.

“A cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer” (LÉVY, 1999, p. 15).

Nas sociedades orais a mensagem era recebida de forma instantânea sempre no contexto em que eram produzidas. O surgimento da escrita trouxe a separação do contexto em que as mensagens eram produzidas, gerando assim outras formas de recepção e interpretação, porém a maioria dos textos procurava preservar seu sentido original, independentemente do receptor da mensagem (LÉVY, 1999, p. 14).

Essas chamadas mensagens “universais”, concebidas para preservar o sentido independentemente do seu contexto, fechadas em seu conteúdo e geralmente advindas de textos escritos tinham características “totalizantes”, uma vez que só poderia ser construídas de maneira que a fixação do sentido só poderia ser única e fechada. O que Pierre Lévy (1999, p. 11) nos demonstra com estas afirmações é que a cibercultura leva o sentido das mensagens de volta ao seu contexto oral, porém em outra escala, não mais totalizante, mas sim abertas a novas significações por meio da vinculação permanente com comunidades virtuais que lhe dão sentidos variados em uma renovação constante. O que Lévy (1999) define como o “*universal não totalizante*” é uma das principais características desta nova forma de comunicação possibilitada pela era digital. O que se encontraria em um contexto fechado de significação não é agora mais uma regra ante a infinita possibilidade de sua interpretação e complementação por outros em uma espécie de diálogo planetário diante da virtualização da informação. O *universal sem totalidade*, explicitado por Lévy (1999), pode ser considerada uma das características essenciais da cibercultura que, de forma paradoxal, abarca inúmeras áreas de conhecimento da humanidade, porém sem fechá-las semanticamente numa caixa. O conhecimento está aberto para que se adicione, modifique e resignifique seu sentido como uma “galáxia técnica em transformação contínua”.

A integração de vários sistemas técnicos, desde programas de engenharia, ciências e de qualquer outra forma de conhecimento, e sua dependência para seu

funcionamento dentro do próprio ciberespaço, pode nos mostrar uma característica desta nova forma de comunicação. Um exemplo prático deste universal totalizável podem ser os grandes bancos de dados das mais diversas áreas do conhecimento disponíveis na rede e os sites de pesquisa em que pode se buscar praticamente todo e qualquer conteúdo. Em 1999, quando do lançamento do formato de música via digital, o conhecido mp3, foi uma febre entre os internautas por possibilitar a troca ilimitada de arquivos de áudio diretamente de um usuário para outro. Em uma matéria publicada em Novembro do mesmo ano pelo Correio Braziliense pode se ter uma perspectiva de como este compartilhamento universal se iniciou. O então programa de computador “Napster” permitia que usuários trocassem arquivos de músicas em qualquer quantidade utilizando apenas uma conexão de internet entre os usuários. Era possível assim a criação de um banco de dados praticamente infinito de músicas através da colaboração dos internautas (ROCHA, 1999, p.5). Anos depois a indústria fonográfica iria travar uma enorme batalha judicial para combater este tipo de compartilhamento, pois infringia uma série de leis de direitos autorais, porém este é um exemplo de um conhecimento que era “universal” para todos os usuários de internet terem acesso a esse banco de dados e não totalizável pois o adionamento de novas músicas, álbuns de artistas e composições poderia se tornar infinito e sempre aberto uma vez que outros usuários poderiam compartilhar seus arquivos, baixar de outros e assim em diante. Repentinamente uma pessoa poderia ter uma audioteca ilimitada em sua própria casa podendo compartilhar, escutar e utilizar estes áudios da maneira como bem entendesse. Em um exemplo figurado é como se as antigas enciclopédias em enormes volumes que antes se encontravam nas estantes de livros com toda sua limitação física estivessem agora aberta a todas as pessoas que estivessem conectadas, disponíveis para serem consultadas, utilizadas e até mesmo resignificadas. As chamadas comunidades virtuais dentro do ciberespaço permitiram esta troca infinita de saber (LÉVY, 1999).

O conceito de Comunicação Mediada por Computadores - CMC (enunciado por Castells (1999), teve enorme importância para o desenrolar do processo de informalização, uma vez que as distâncias geográficas entre as diversas populações do globo que antes representavam barreiras intransponíveis deixariam de existir (CASTELLS, 1999, p. 431). Algumas das principais características que a CMC

trouxe a este novo contexto social foram a ampliação dos círculos sociais, a conexão entre indivíduos não mais por ideologias culturais (religião, política, costumes) e posição geográfica, como acontecia no período anterior à rede, mas por afinidades, pulverizando assim a política de comunicação de massa antes difundidas pelo rádio, pela televisão e pelos jornais. A fragmentação e relativa independência do fluxo de informações possibilitaram a grupos minoritários e excluídos da sociedade que se apoderassem de uma voz antes não disponível, dando maior força às lutas de classe e de gênero ao final do século XX, provocando assim uma maior “elasticidade social”. Esta elasticidade social pode ser considerada como uma ampliação na inclusão de certos setores da sociedade, antes sem uma voz ativa, que através do processo de informatização juntamente da CMC, conseguiram entrar em um amplo debate com outras camadas da sociedade civil consideradas até então dominantes no aspecto do discurso. Um exemplo disso são os grupos de minorias étnicas e de gênero, ambientalistas, etc. Em publicação de 20 de janeiro de 1998, o CB expõe algumas vantagens que a informática e a internet podem ter na inserção de pessoas com deficiência física no mercado de trabalho. A matéria expõe que através de alguns avanços nas tecnologias de comunicação em informática, um deficiente físico antes inabilitado para prestar certos tipos de serviço em um escritório poderia então estar apto a participar do ambiente de trabalho e cumprir com todas as demandas assim como seus colegas de trabalho não portadores de deficiência através do suporte de tais tecnologias.

A informática está quebrando muitas barreiras, uma delas é a possibilidade do deficiente usar o computador para facilitar a sua vida e também como ferramenta de trabalho. A falta de visão não impede Januário Pereira do Couto de exercer sua função como analista de sistemas na Politec e programador do Tribunal Superior Eleitoral. – TSE. Por meio de um programa chamado Dosvox, desenvolvido pela UFRJ ele consegue fazer tudo o que normalmente é feito no sistema operacional DOS, além de acessar a internet [...] Ao acessar a Internet o programa faz a leitura de todo o texto da tela e o transforma em Voz (Brscam, 1998, p. 1)

Neste trecho fica claro que o uso da TIC (tecnologia de informação e comunicação) possibilitou que uma pessoa antes considerada inabilitada para prestar certos tipos de serviços em um escritório pôde ser incluída de forma independente no mercado de trabalho através do suporte de tal ferramenta.

Outra importante consequência da era informacional no âmbito da comunicação é a *individualização de massa*. Fenômeno este que se baseia na maior

distribuição e acessibilidade da informação, possibilitando que o usuário passe não mais absorver apenas as informações geradas pela comunicação em massa representadas pela televisão e o rádio até então e sim pela escolha individual que o novo sistema de informação oferece aos usuários da CMC. Esta nova característica gera a absorção pelo público de novos serviços e produtos por demanda, colocando assim o fenômeno da individualização de massa como uma nova diretriz do mercado informacional. (DERTOUZOS, 1997, p. 171). De acordo com Pierre Lévy (1999), este é um dos fatores que levaram as grandes mídias de massa como a televisão e a imprensa a explorar um lado mais sensacionalista do ciberespaço. Uma vez que o conteúdo das notícias pôde, a partir de então, ser buscado de forma individualizada e de acordo com um interesse específico do público, causou significativa perda de audiência das mídias tradicionais de comunicação. Além de anunciar suas constantes inovações tecnológicas, as instituições antes dominantes da veiculação de notícias abriram amplo espaço para matérias que geram comoção no intuito de causar impacto e prender a atenção do público. Muitas são e foram as notícias veiculadas a violência, sexo e terrorismo que poderiam fomentasse com disseminação do ciberespaço à sociedade, não representando verdadeiramente o número real que este conteúdo está difundido na rede em comparação com outras formas de abordagens e usos desta nova via de comunicação. Segundo o autor a troca de conhecimento técnico-científico, de saberes, de cultura popular em benefício da população ultrapassa e muito as formas com que a internet é utilizada para difundir hábitos violentos e negativos, sobre como a criminalidade se utiliza do ciberespaço para propagar seus crimes, por assim em diante. Ao contrário do que os grandes veículos de informação deixam a perceber, através de diversas publicações sobre o assunto, é certo que estes tipos de prática existem antes de qualquer coisa e principalmente, fora das vias de comunicação do ciberespaço e por outros usos de outras formas de tecnologia sem que haja grande afã sobre o uso de tais. É indiscutível que a Internet ampliou o campo de ação para estes grupos, porém esta ênfase neste tipo de prática é mais um reflexo de que como a mídia tradicional de forma sensacionalista se utiliza deste tipo de publicação sobre as formas de uso da rede para atrair espectadores, pois como dito anteriormente, o ciberespaço se configurou como uma sólida alternativa para as mídias de massa clássicas. Possibilitou-se que grupos e indivíduos buscassem as informações que lhe

interessavam e que também exponham suas próprias versões do fato sem passar pela intermediação da imprensa (LÉVY, 1999, p. 203). De fato podemos perceber através da análise das fontes um número significativo de publicações que de forma um tanto quanto escandalosa buscam prender a atenção do receptor da mensagem, dando maior ênfase em acontecimentos que não necessariamente representem a maioria do conteúdo veiculado na rede. Em publicação do dia 25 de abril de 1995, temos um exemplo claro deste tipo de abordagem. Na ocasião o jornal relata o uso do ciberespaço por grupos de Neonazistas para difundirem sua ideologia.

O surgimento das supervias de informação mudou as regras da participação no mercado das ideias. Praticamente da noite para o dia, o novo mundo do *cyber espace* está fornecendo acesso direto para quase 20 milhões de residências e instituições educativas de vários países [...]. Causa pouco espanto que mais de 50 grupos racistas, por muito tempo frustrados pela inabilidade de difundir suas mensagens tenham se apressado em adotar as novas tecnologias (Cooper, 1995, p. 5)

Neste trecho fica evidente, àquela época, a possibilidade que o ciberespaço possibilita a um grupo social específico manifeste suas opiniões de forma aberta a uma audiência bastante expressiva em termos de números.

E continua,

Em todos esses casos a retórica e as imagens não são novas. Nova é a oportunidade de enviar ódio racial de forma barata, efetiva e direta para uma audiência cobiçada: os jovens, que são os mais numerosos usuários do *cyberspace*. Com acesso à ilimitada internet, o alcance das atividades desses grupos de ódio racial está se expandindo rapidamente [...]. Neste momento a internet oferece anonimato para segregacionistas, pornografia com crianças e coisas do tipo (Cooper, 1995, p. 5)

Este tipo de reportagem reforça a teoria de que as empresas de comunicação tradicionais se utilizam de certo sensacionalismo para gerar audiência, ao mesmo tempo em que se afirmam como veículo de informação “confiável”, uma vez que, dentro do ciberespaço, há grande possibilidade da informação estar veiculada a grupos específicos que queiram propagar ações criminosas e de abuso.

Os jornais configuraram-se como fontes de apresentação do contexto urbano e suas transformações ao longo do tempo e apresentam-se como valiosa fonte historiográfica neste tipo de análise. Heloisa Cruz (1999), ao analisar as transformações urbanas que aconteciam na cidade de São Paulo ao fim do Século XX, expõe esta característica intrínseca aos Periódicos, porém com ressalva aos interesses políticos e ideológicos destas instituições.

[...] a difusão de novos hábitos, aspirações e valores, as demandas sociais, políticas e estéticas das diferentes camadas que circulam pelas cidades [...] Tudo isso, passou a integrar as preocupações dos historiadores, que não se furtaram de buscar parte das respostas na imprensa periódica, por cujas páginas formularam-se, discutiram-se e articularam-se projetos de futuro. (CRUZ, 1999).

2.3 EDUCAÇÃO: COMUNIDADES VIRTUAIS E A INTELIGÊNCIA COLETIVA

Outro importante aspecto da cibercultura segundo Lévy (1999) é formação de uma inteligência coletiva a partir da associação em rede. O autor ressalta que a disponibilidade da existência de um ciberespaço não determina automaticamente o desenvolvimento de uma inteligência coletiva, porém oferece um ambiente propício à sua fomentação (LÉVY, 1999, p.24). É, portanto uma condicionante desta. Este fator pode tanto ser positivo com também negativo para os usuários do ciberespaço, uma vez que a sobrecarga de informação, a dependência virtual, fatores de dominação e exploração também podem compor algumas destas características de nossa associação em uma rede virtual. Um de seus efeitos mais claros está no poder de aceleração do ritmo de transformações técnico-social devido ao crescente compartilhamento de informações em rede. Segundo Lévy (1999) esta característica pode ser tanto inclusiva para os que dela participam tanto como exclusiva para os que não acompanham suas constantes atualizações. Independentemente de ser, positivo ou negativo, o que é mais importante é que a qualidade do processo de apropriação, ou seja, o engendramento das relações humanas advindas das conexões virtuais superam as particularidades sistêmicas das ferramentas. A inteligência coletiva é tida então como um dos principais motores da cibercultura.

O estabelecimento de uma sinergia entre competências, recursos e projetos, a constituição e manutenção dinâmicas de memórias em comum, a ativação de modos de cooperação flexíveis e transversais, a distribuição coordenada dos centros de decisão opõem-se à separação estanque entre as atividades, às compartimentalizações, à opacidade da organização social (LÉVY, 1999, p. 28).

O desenvolvimento do processo de “inteligência coletiva” altera, portanto os processos de inclusão/exclusão. Um dos vários exemplos que podemos citar são as novas formas de ensino à distância e de formação profissional que se encontram disponíveis no ciberespaço. Lévy (1999) ressalta, no entanto, que o aceleração deste processo de inclusão técnico-social, torna-se cada vez mais dependente da participação individual ativa dentro da cibercultura, o que pode ter efeito contrário para aqueles que não entraram no ciclo de alterações promovidas pelas conexões em rede. Em 9 de janeiro 1990 já se apontavam algumas dessas características no fomento ao ensino à distância pela internet. Seriam investidos por uma empresa americana de telecomunicação um milhão de dólares para apoiar 15 projetos de educação à distância no Brasil e no Mundo. Como o nome de “iniciativa global de educação a distância” seriam contemplados em solo brasileiro o projeto de “biblioteca virtual para o estudante brasileiro” da Universidade do futuro de São Paulo e o “educação Ambiental por métodos interativos” do instituto de educação da Universidade Federal do Mato Grosso. Está claro na reportagem que a fomentação de projetos educacionais através da rede começaria a fazer parte do cotidiano, porém também se destaca o interesse institucional da empresa em questão de estar presente com sua contribuição na iniciativa deste projeto (CB,1990, p. 9).

As comunidades virtuais que começavam a ser formadas a partir de então se transformaram nos centros de congregação na fomentação da inteligência coletiva. Constituída sobre afinidade de interesses, de conhecimentos, de projetos mútuos através de um processo de comunicação e troca, independentemente de sua posição geográfica ou afiliação ideológica, as comunidades virtuais exploram novas formas de opinião pública. Este coletivo permanente de troca de informação trouxe nova dinâmica nas relações de domínio da informação, retirando o poder monopolizante das grandes mídias de massa e instituições de ensino, e distribuindo a indivíduos participantes de tais comunidades. Não obstante, a preocupação de Paulo ARAÚJO (1994) ao assumir a presidência da Associação nacional de jornais em entender este processo para que a imprensa não ficasse obsoleta caso não se adaptasse a esta nova característica cultural da comunicação mediada por computadores. O que se pretende ressaltar aqui é que esta nova caracterização das formas de comunicação não surgiu com o invento do ciberespaço, mas sim através da consolidação de um processo histórico que teve início com o fenômeno da

globalização logo após o término da Segunda Guerra mundial. A consolidação deste processo com o surgimento do ciberespaço é uma consequência destas demandas que já se encontravam vivas no desenvolvimento das sociedades contemporâneas.

2.4 TECNOLOGIA E GLOBALIZAÇÃO

A globalização, juntamente com o advento da internet, é possivelmente um dos principais fenômenos culturais que nos levou a estas novas estruturas e modo de vida que caracterizam nossa sociedade ao começo do século XXI. Entende-se por globalização o processo de integração sociopolítica e econômica que o mundo viria a experimentar a partir do desenvolvimento de uma economia mundial integrada a partir da criação e da evolução das tecnologias de telecomunicações no começo do século XX (CASTELLS, 1999, p.181). A apropriação pelo mercado financeiro após a Segunda Guerra mundial destas novas tecnologias é apontada como um dos principais fatores que contribuíram para o desenvolvimento deste processo que iria acarretar enormes mudanças nas sociedades contemporâneas. O fenômeno da globalização não apenas integrou os países em termos econômicos como também em termos culturais, políticos e ideológicos. O advento da internet teve, neste contexto, enorme influência para que culturas de diversos lugares do planeta entrassem em contato direto mais intensamente e passassem a trocar informações, conceitos culturais e ideologias de uma forma inédita, surgiram então novas relações de trabalho, de movimentos sociais como também de relações interpessoais, integrando o mundo não mais apenas por suas vias físicas tradicionais, mas agora de forma virtual, instantânea e rápida. Também trazendo a tona contradições e diversos tipos de reações a este novo modo operante da cultura humana. Apresenta-se então um novo aspecto, único, de amplas mudanças culturais que estão reformulando orientações religiosas, papéis de gênero, sexualidade, normas e costumes (CASTELLS, 1999, p. 143).

Mas de fato as tecnologias teriam um impacto sobre a sociedade? Para Lévy (1999, p. 16) parece incerto utilizar este termo “impacto” para definir alguma influência que esta teria sobre qualquer sociedade humana. Segundo o autor o uso de tecnologias compõe parte intrínseca da própria cultura humana sendo elas “não apenas imaginadas e reinterpretadas durante o seu uso pelos homens como

também é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade enquanto tal, juntamente com a linguagem e as instituições sociais complexas”.

Seria então impossível separar o homem de seu ambiente material, assim como o dos signos e das imagens as quais ele atribui sentido a vida, tornando-se a tecnologia um produto de uma sociedade e cultura, não podendo ela estar dissociada de um todo. Portanto a internet pode ser vista não como uma ferramenta separada da cultura humana, causando a ela um “impacto” específico, mas sim uma técnica intrínseca à sua própria sociedade, remetendo a valores, estratégias de poder, interesses econômicos e de comunicação. O uso da *cibertecnologia* atende então a uma gama de interesses desde grandes corporações e Estados à pequenas comunidades e indivíduos. O sentido de um “impacto” sobre a sociedade seria então dúbio, pois a tecnologia não é um determinante, mas sim uma condicionante do funcionamento da cultura humana por estar inserida dentro dela própria uma vez que ela não determina características de nossa sociedade e sim apenas condiciona algumas delas como, por exemplo, o aumento na comunicação, o intercâmbio cultural, a facilidade de associação como também o aceleração de processos políticos para citar apenas algumas delas. Evita-se assim qualquer análise determinista sobre a influência que uma ou outra tecnologia teria sobre as sociedades humanas (LÉVY, 1999, p.19).

O que podemos afirmar é que independentemente da fluidez que as diversas tecnologias imbricam dentro a cultura humana, com incertezas e múltiplas possibilidades sobre sua real influência, as tecnologias digitais apresentam sua característica de constante inovação tecnológica, que se amplia e renova em um ritmo em que nenhuma outra ferramenta tecnológica desenvolvida antes pelo homem apresentava, sendo ela responsável pela sensação de “impacto”, de estranheza e exterioridade que certamente aflige os que buscam compreender sua dinâmica (LÉVY, 1999, p. 22). Podemos citar um número de profissões que surgiram ou se transformaram após o alvorecer da era digital sem dar explicações àqueles que não estejam diretamente envolvidos com o desenvolvimento deste tipo de tecnologia (LÉVY, 1999, p. 23). Em reportagem publicada pelo Correio Braziliense, em 27 de janeiro de 1998, há um exemplo de como a informática e a internet mudaram o cotidiano em diversas áreas. Neste caso específico a reportagem relata o uso de novas tecnologias no sistema judicial, facilitando a

tomada de depoimentos e agilizando processos que antes tomariam mais tempo para serem concluídos.

Em agosto de 1996, o juiz da 1ª vara Criminal de Campinas, Edison Brandão, usou a videoconferência para tomar depoimento de um Réu preso na penitenciária de Hortolândia. O procedimento foi aceito pelo Superior Tribunal de Justiça [...]. Hoje, via Internet, pode-se obter informações atualizadas de processos. O processo de informatização da Justiça brasileira também já permite maior agilidade na obtenção de documentos oficiais (BRSCAM, 1998, p.5)

Outro exemplo de como o cyberspaço condicionou mudanças significativas no mercado de trabalho é o nascimento do comércio via internet. O chamado *e-commerce* modificou a dinâmica tradicional do mercado a varejo, diminuindo a necessidade de intermediários na realização de uma compra. Ou seja, o produto seria diretamente entregue pelo fornecedor ao consumidor via correio, eliminando assim a necessidade de um ponto comercial. No ano de 1998 mais de 20 bilhões de dólares já movimentavam o mercado de compras e vendas de produtos via internet. Um crescimento de mais de 100% em relação ao ano anterior. Os mais variados produtos poderiam ser adquiridos através da rede. Novos empregos surgiram para que se alimentasse essa rede de comércio online, como por exemplo, empregos na área de logística de mercadorias (CB,1998, p.5).

O comércio eletrônico possibilitou a empresas, pessoas e ao governo que comprassem e vende-se todo e qualquer tipo de produto pela internet. De acordo com artigo publicado em 29 agosto de 1995 (CB, p. 9) o uso comercial da rede ainda gerava polêmica.

[...] as empresas que se candidataram a abrir pontos (sites) na web diziam que as pessoas logo estariam comprando informação e entretenimento diretamente da Internet. Como essa estratégia foi um fracasso, os usuários ainda não pretendem pagar por nada na Net. Eles mudaram para um novo modelo de negócios. A publicidade, dizem agora, irá cobrir seus custos para colocar conteúdos online. Considerando o volume de dinheiro que algumas empresas já investiram em pontos da Web não geradores de receitas, essa mudança na estratégia teve o gosto de uma limonada feita com um monte de limões amargos.

Não se sabia ao certo da grandeza que este uso para a rede poderia atingir. O artigo relata que a grande maioria das empresas até então possuidoras de um sítio na rede ainda não comercializavam produtos pela internet, mas sim recebiam rendas através de publicidade gerada pelo número de acessos em sua página. O artigo

declara que para estas empresas que investiram em páginas na rede esta estratégia teve um “gosto amargo” e que esperavam ainda pesquisas sobre o comércio eletrônico. (CB,1995, p.9)

Este estágio inicial e duvidoso que se encontrava o comércio eletrônico em meados da década de 90 se devia a vários fatores como a falta de padronização e automatização de sistemas de comércio através da rede, a falta de confiança na segurança de transação eletrônica, etc. (DERTOUZOS, 1997, p.245). Como veremos a seguir, com o contínuo desenvolvimento e aperfeiçoamento de tais tecnologias o comércio eletrônico logo se popularizaria e passaria a ser uma das principais utilidades para esta recém criada ferramenta tecnológica. Em dezembro de 1998 em matéria publicada pelo CB já informava sobre o crescente sucesso do comércio eletrônico e sua rápida popularização primeiramente nos Estados Unidos.

Em pesquisa realizada pela Dell Computers, um dos maiores fabricantes de computadores dos Estados Unidos, mostra que 43% dos usuários de computador naquele país planejam fazer suas compras de Natal pela Internet. No ano passado este número não chegava aos 10%. O principal motivo para tanto interesse, segundo 94% dos entrevistados é o horário de funcionamento do comércio na Web (24 horas por dia). A facilidade e o conforto de poder comprar sem sair de casa também foram apontadas por 93% das pessoas. Além destas razões, 45% dos internautas acreditam que as compras saem mais baratas (SOUZA Jr., 1998, p.1).

O que se ressalta nesta parte é o aspecto comercial que as tecnologias da informação e comunicação, dentre elas a internet, possuem. Como frisado anteriormente, uma das primeiras instituições a se utilizaram destas tecnologias informáticas foi o mercado financeiro já na década de 40. Este aspecto se configura como fundamental no entendimento dos reais interesses de Estados, empresas, corporações, comunidades e até indivíduos na abertura e ampliação do ciberespaço. Expõe-se assim mais uma vez uma das características cruciais para se entender a cibercultura. Seu aspecto paradoxal e muitas vezes ambíguo. É certo que novas abordagens como uma maior democratização e ampliação da distribuição da informação aos mais diversos setores da sociedade ocorreu, porém devemos sempre estar atentos, principalmente em uma análise histórica nas entrelinhas dos acontecimentos, no que está subjetivo ao que se apresenta como óbvio. Ao mesmo tempo em que se ampliou o acesso a informação promovendo maior debate entre as diversas classes da sociedade, devemos ter consciência que muito do conteúdo que é veiculado é também direcionado pelas empresas criadoras e detentoras deste

novo meio de comunicação, o que pode gerar uma padronização de comportamento por parte dos internautas visando seu sucesso de mercado. Não obstante pudemos observar através da análise das fontes não apenas seu valor cultural para a sociedade ao final do século XX, mas também seu valor comercial que representou grande parte do conteúdo que está vinculado ao ciberespaço.

CONCLUSÃO

A entrada da humanidade na era da informação trouxe significativas mudanças na dinâmica social que rege o mundo desde meados do século XX. O desenvolvimento da microeletrônica possibilitou avanços tecnológicos nas mais diversas áreas do conhecimento, dentre elas principalmente dos meios de comunicação. A difusão e o desenvolvimento das telecomunicações juntamente com a globalização da economia mundial teceram um novo ambiente político, econômico e cultural em que acarretaram uma série de processos de mudanças políticas e socioculturais em grande parte dos países que participaram deste processo ao final do século XX.

A criação da rede mundial de computadores popularmente conhecida como a internet ampliou o acesso a informação, empoderou grupos antes socialmente excluídos e diminuiu distâncias entre comunidades antes isoladas seja econômica, política e até geograficamente. O nascimento da comunicação mediada por computadores teve papel fundamental nestas transformações. A associação de indivíduos ou comunidades através da rede mundial de computadores possibilitou que as mais diversas formas de conhecimentos produzidos pela humanidade fossem compartilhados independentemente do círculo social, posição geográfica e ocupação profissional destas pessoas. Esta constante troca de informações vem acelerando processos de cognição coletiva, possibilitando a comunidades e indivíduos que, anteriormente a este processo encontravam acesso limitado aos mais variados tipos de conhecimento se apoderem destas informações e as utilizem as mais variadas maneiras. Grupos sociais que antes se encontravam isolados no âmbito da comunicação puderam com o desenrolar deste processo, alcançar um maior nível de audiência da opinião pública na defesa de suas causas independentemente de quais

elas sejam. A comunicação mediada por computadores possibilitou uma maior elasticidade social na medida em que mais vozes puderam ser ouvidas e entrarem no debate da formação de consciência coletiva.

Os meios de comunicação tradicionais como o rádio, o jornal e a televisão que antes monopolizavam de certa maneira o acesso da informação ao grande público passaram a conviver com esta nova realidade de formas às vezes conflituosas e as vezes conciliadoras. O conceito de individualização de massa representou uma quebra de paradigma para a imprensa, passando o grande público, através do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação a absorver os mais diversos conteúdos de forma individualizada e por demanda. Esta nova característica representou para a imprensa uma relativa perda de audiência, como também uma perda no monopólio na formação de opinião pública, uma vez que com a abertura do ciberespaço ao público, concomitante com o dilúvio informacional, gerou a possibilidade de que as pessoas procurassem qualquer tipo de informação de maneira singular e de acordo com seus interesses e que em muitas vezes não está de acordo com o conteúdo veiculado pela imprensa. A apropriação na veiculação e distribuição da informação juntamente com a possibilidade de associação por interesses através da rede tem provocado uma maior efervescência social, tornando o público em geral mais independente em relação ao período anterior à era da informação. Em contrapartida muito do conteúdo veiculado no ciberespaço está associado às grandes empresas de telecomunicações e a interesses comerciais corporativos, colocando o mercado da informação como grande alicerce na reestruturação do modelo capitalista a partir de meados do século XX, onde o modo de desenvolvimento industrial foi paulatinamente absorvido pelo modelo informacional. Estas características evidenciam antes de qualquer coisa um paradoxo em relação ao mercado da informação. Ao mesmo tempo em que se evidenciam aspectos de democratização e independência na geração e compartilhamentos de novos conhecimentos e conteúdos para muitos dos usuários do ciberespaço, fica claro também a manutenção de um modelo capitalista com seus interesses neoliberais de mercado. Esta ambiguidade marca definitivamente a recém-formada sociedade da informação.

A análise de quase uma década das notícias divulgadas pelo Correio Braziliense, jornal de maior circulação da capital do país, referente a chegada da

internet vislumbrou algumas destas mudanças que ocorriam durante o desenvolvimento e a implementação da rede mundial de computadores. O potencial e as consequências das transformações tecnológicas e sociais que a sociedade começava a vivenciar foram paulatinamente relatados pela imprensa jornalística, porém de uma forma relativamente superficial e por algumas vezes tendenciosa tendo em vista a perda de audiência sofrida por estas instituições aliados a seus próprios interesses comerciais.

A essência da dinâmica capitalista se transformou, forçando assim o mercado global, juntamente com as forças até então dominantes a se adaptarem a essa nova realidade. Realidade esta virtual. Ainda se sente as consequências destas mudanças e faz-se necessário o aprofundamento por parte da história e das ciências sociais na análise desta nova dinâmica que influenciará o ritmo da vida humana pelos próximos e longínquos tempos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Paulo Cabral. O jornal na era eletrônica. **Correio Braziliense**, Brasília, 19 set. 1994, p. 7.

BRSCAN, Ivan Marinovic. Sexo Virtual em Discussão: Os sites sobre sexo são muito visitados, mas não detêm o recorde da preferência dos Internautas brasileiros. **Correio Braziliense**. Uso comercial causa polêmica. Brasília, 29 agosto de 1995 Caderno Informática & Telecomunicações, p. 9.

BRSCAN, Ivan Marinovic. Deficientes informatizados: Programas brasileiros ajudam cegos a navegar pela internet e aproveitar todo o potencial do computador. **Correio Braziliense**, Brasília, 20 jan. 1998. Caderno Informática & Telecomunicações, p. 1.

BRSCAN, Ivan Marinovic. Entre as leis e os micros. Juízes e advogados transformam os computadores em aliados da justiça. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 5, 27 jan.1998.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COOPER, Abraham. Internet é usada por neonazistas. Radicais enviam até mesmo lições on-line sobre como fazer uma bomba. **Correio Braziliense**, Brasília, 25 abr. 1995. Caderno de Informática, p. 5.

CORREIO Braziliense. Collor terá que mudar o uso social da informática. Educação, Brasília, p. 9, 9 jan. 1990.

CORREIO Braziliense. Email de graça. Mesmo sem provedor, internautas podem usufruir da caixa postal eletrônica. **Correio Braziliense**, Brasília, 11 ago. 1998. Caderno Informática & Telecomunicações, p. 1.

CRUZ, Heloisa *in* LUCA, Tânia Regina. **A história dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

DERTOUZOS, Michael L. **O que será: como o novo mundo da informação transformará nossas vidas**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

DIÁRIOS Associados. Disponível em http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=25. Acesso em 20 de outubro de 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MASUDA, Yoneji. **Sociedade da informação como sociedade pós-industrial**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1982.

RIOUX, Jean-Pierre. **Entre o jornalismo e a história**. In: _____. Questões para a história do tempo presente. São Paulo: EdUSC, 1999.

ROCHA, Fabricio. Programa que permite a internautas o bate-papo e a troca de músicas MP3 é a nova febre. Ouvidos ligados em rede. **Correio Braziliense**, Brasília, 9 nov. 1999. Caderno de Informática, p. 5.

SHAPIRO, Carl, Varian, Hal R. **A economia da informação: como os princípios econômicos se aplicam à era da Internet**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

SIQUEIRA, Ethevaldo. **Para compreender o mundo digital**. São Paulo: Globo, 2008.

SOUZA Jr., Gustavo. RNP atualiza usuários: Órgão disponibiliza endereço para acesso às informações da rede. **Correio Braziliense**, Brasília, 29 ago. 1996, p. 7.

SOUZA Jr., Gustavo. Shopping dos Internautas: Comprar pela Rede mundial está se tornando mais comum a cada dia. Falta de segurança ainda assusta usuários. **Correio Braziliense**, Brasília, 15 dez. 1998. Caderno Informática & Telecomunicações, p. 1.

SOUZA Jr., Gustavo. Brasília já tem Internet de alta performance. **Correio Braziliense**, Brasília, 02 dez. 1997. Caderno Informática & Telecomunicações, p. 3.

TAKAHASHI, Tadao. **Sociedade da informação no Brasil**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.